**um
percurso
dois
sentidos**

A Colecção do MNAC - Museu do Chiado, da actualidade a 1850

e

Outros Olhares

Obras em destaque na Colecção do MNAC – Museu do Chiado

Um percurso, dois sentidos:

a Colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, da actualidade a 1850

19 Março – 6 Junho 2010

Apresentação à imprensa: 17 Março. Quarta-feira. 12.00 h

Inauguração: 18 Março. Quinta-feira. 19.00 h

Pisos 0, 2 e 2A

Quando, em 1994, o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado reabriu ao público, a Colecção abrangia, essencialmente, o período compreendido entre 1850 e 1950. Desde então, o acervo do Museu foi sendo actualizado através de aquisições, doações e depósitos que permitiram constituir novos núcleos, incluindo obras de artistas de referência no panorama da arte portuguesa da segunda metade do século XX.

Esta exposição pretende fornecer uma perspectiva global da Colecção, traçando um percurso que parte da actualidade para uma retrospectiva da arte portuguesa moderna e contemporânea, tendo como limite temporal a década de 1850.

A montagem conjuga o critério cronológico com a representatividade autoral, ao mesmo tempo que assume o próprio espaço arquitectónico do Museu como elemento determinante na construção do discurso expositivo. Perante a inevitabilidade de o visitante percorrer as galerias em ambos os sentidos, a montagem procura explorar a reversibilidade da leitura cronológica. Ao colocar em destaque as últimas décadas do século XX, repartidas entre a Sala dos Fornos e a Sala Polivalente, o Museu assume também o carácter aberto da Colecção. O título da exposição, *Um percurso, dois sentidos*, evoca ainda a dupla missão do Museu: valorizar a dimensão histórica do seu acervo e, simultaneamente, acolher e divulgar as práticas artísticas contemporâneas.

Helena Barranha

Directora do MNAC – Museu do Chiado

artistas

Nadir Afonso, Helena Almeida, Dominguez Alvarez, Alfredo Andrade, Tomás da Anunciação, Teresa Arriaga, Fernando Azevedo, René Bértholo, Carlos Botelho, Amadeo de Souza-Cardoso, António Carneiro, Lourdes Castro, Mário Cesariny, Rui Chafes, Noronha da Costa, José Pedro Croft, Christiano Cruz, António Dacosta, Mário Eloy, Alexandre Estrela, Ângela Ferreira, Dórdio Gomes, Alfredo Keil, Fernando Lanhas, Sousa Lopes, Artur Loureiro, Miguel Lupi, Ernesto Canto da Maia, José Malhoa, Abel Manta, Luís de Meneses, Francisco Metrass, Jorge Molder, Almada Negreiros, João Marques de Oliveira, João Onofre, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, Columbano Bordalo Pinheiro, Cândido Costa Pinto, Júlio Pomar, António Silva Porto, Milly Possoz, António Ramalho, Paula Rego, Pedro Cabrita Reis, António Soares dos Reis, Joaquim Rodrigo, Veloso Salgado, Guilherme de Santa-Rita, Augusto Alves da Silva, Cristino da Silva, Vieira da Silva, Ângelo de Sousa, Aurélia de Sousa, João Tabarra, João Pedro Vale, João Vaz, Júlia Ventura, Marcelino Vespeira, Eduardo Viana, Jorge Vieira, Pires Vieira.

62 artistas

núcleos

Contemporaneidade

Através do século XX: continuidades e rupturas

Vias do modernismo

Na viragem do século: narrativas naturalistas e modernidade

Paisagem, costumes e retrato na segunda metade do século XIX

81 obras

concepção e coordenação

Helena Barranha

apresentação dos núcleos

Contemporaneidade

A exposição *Depois do Modernismo*, realizada em 1983 com coordenação de Luís Serpa, é frequentemente referida como o evento fundamental para a entrada da arte portuguesa na pós-modernidade.

Apesar das intenções de clivagem com o pensamento e prática modernistas da arte portuguesa, a exposição não teve os efeitos esperados, faltando ao ambiente institucional e educativo a capacidade estrutural de desenvolver um novo discurso artístico e crítico, que só na década de 90 permitiria novos desenvolvimentos.

A década de 80 é assim marcada por um “retorno à pintura”, por um neo-expressionismo situacionista com os Homeostéticos (Pedro Proença, Pedro Portugal, Xana, Manuel João Vieira, Ivo e Fernando Brito) e por uma reformulação da escultura, segundo a influência do neo-objectualismo com Rui Sanches, Pedro Cabrita Reis e José Pedro Croft. Ângela Ferreira protagoniza a abordagem mais contemporânea à ideia de escultura operante, em que a materialidade é analisada como uma projecção do meio envolvente nas suas formulações sociais e políticas, enquanto João Pedro Vale, já na década de 90, irá explorar os conteúdos da identidade nacional e de género.

A fotografia vai ser cada vez mais um espaço de reformulação de muitos dos conceitos artísticos da modernidade, designadamente com os Encontros de Fotografia de Coimbra, realizados a partir de 1980, que trouxeram uma vitalidade e possibilidade de encontro internacional da fotografia portuguesa. Jorge Molder e Júlia Ventura protagonizam dois momentos diversos e de clivagem no modo como a auto-representação formula novas interrogações, em ruptura com as modalidades figurativas da modernidade. João Tabarra e Augusto Alves da Silva expandiram os limites formais e documentais da fotografia, inserindo preocupações de ordem social e política no discurso artístico.

A década de 90 seria ainda marcada pela emergência de uma linguagem multimédia profícua e basilar para a afirmação da contemporaneidade na arte portuguesa, como é o caso dos artistas Alexandre Estrela ou João Onofre, em cujos trabalhos o vídeo se apresenta como um espaço

crítico e artístico de grande diversidade, abrangendo esferas tão diversas como as da percepção ou da cultura popular.

(E.T.)

LISTA DE OBRAS

Alexandre Estrela

(1971)

Cross Sharing

2000

vídeo, cor, som, 9'

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2863

João Onofre

(1976)

Catriona Shaw Sings Baldessari Sings Lewitt Re-Edit

Like A Virgin Extended Version

2003

DVD, cor, som, 14' 23"

MNAC-MC, inv. 2859

Jorge Molder

(1947)

Da série T.V.

1995

Provas positivas gelatina sal de prata

depositado por Isabel Vaz Lopes

Júlia Ventura

(1952)

Geometrical reconstructions and figure with roses

1987

cibachrome, plexiglass

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2814, 2815

doação de Manuel dos Santos

João Maria Gusmão e

Pedro Paiva

(1979 e 1977)

O Homem do gelo

2004

prova digital colada sobre PVC

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2611

João Tabarra

(1966)

True Lies and Álibis-Marche solitaire

1999

Prova cromogénea

MNAC-Museu do Chiado inv. 2419

doação do Banco Português de Negócios

Ângela Ferreira

(1958)

Marquises

1993

alumínio, plexiglass provas cromogéneas

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2614

doação da artista

Augusto Alves da Silva

(1963)

Da série *Shelter*

1999

provas cromogéneas

depositado por Isabel Vaz Lopes

Rui Chafes

(1966)

Peso

1994

ferro pintado depositado pelo AR.co

Pedro Cabrita Reis

(1956)

H. Suite III

contraplacado de madeira, vidro,

gesso e lençóis de algodão

depositado por Isabel Vaz Lopes

1992

José Pedro Croft

(1966)

Sem título

1996

madeira e espelho

depositado pelo AR.co

João Pedro Vale

(1976)

We all feel better in the dark

2000

minitrampolim de têxtil sintético bordado a

lantejoulas

depositado por Isabel Vaz Lopes

Através do século XX: continuidades e rupturas

O sentido inovador do primeiro modernismo, informado pelas vanguardas europeias, deriva, nos anos 30, para um conjunto de propostas artísticas que a “política de espírito” de António Ferro procurou harmonizar com o ideário do regime. Apesar de uma relativa conformação, os percursos individuais de artistas como Almada Negreiros ou Mário Eloy garantiram a continuidade do projecto moderno.

O olhar sobre a paisagem liberta-se do persistente legado naturalista, para representar lugares abandonados e inquietantes (Dominguez Alvarez) ou traduzir o desejo moderno de cosmopolitismo, mesmo quando conjugado com a escala íntima e local da cidade (Carlos Botelho). A abertura da paisagem a novos sentidos plásticos e conceptuais surge também como uma via para a abstracção (Fernando Lanhas). Nas décadas de 50 e 60, o lirismo abstracto de Vieira da Silva coexiste com a abstracção geométrica ensaiada por Joaquim Rodrigo e explorada no limite espacial por Nadir Afonso, enquanto, na escultura, Jorge Vieira procura a síntese formal através da desmaterialização.

Paralelamente, nos anos 40 e 50, as pesquisas surrealistas de António Dacosta, Fernando Azevedo, Marcelino Vespeira ou Mário Cesariny apontam novos caminhos a partir da figuração. As questões sociais adquirem também, no contexto da Segunda Guerra Mundial, relevância nas artes plásticas, estando na génese do movimento neo-realista de que Júlio Pomar é um dos principais representantes.

Depois das experiências surrealistas e neo-realistas, a tensão narrativa ganha contornos inéditos com a nova figuração dos anos 60, sendo a obra de Paula Rego *Self-Portrait in Red* (c. 1962) exemplar da ambiguidade entre ficção, sonho e autobiografia. As décadas de 60 e 70 representam um período de acentuada transformação na arte portuguesa que acompanha, desde então, os movimentos contemporâneos internacionais, como bem demonstram os trabalhos de Lourdes Castro, René Bértholo ou Julião Sarmento. O questionamento dos géneros artísticos, com os experimentalismos nas áreas do filme, da fotografia, performance e instalação, a redefinição do estatuto do artista e do público, ou a fronteira entre arte e objecto

são temas preponderantes. A par dos novos caminhos da abstracção (Jorge Pinheiro, Pires Vieira, Ângelo de Sousa), a poética do corpo e da auto-representação é assumida como um tema primordial da arte do século XX, tendo na obra de Helena Almeida um dos seus exemplos mais eloquentes.

(H.B.)

LISTA DE OBRAS

Helena Almeida

(1934)

Desenho habitado

1975

provas positivas a preto e branco gelatina sal de prata, lápis e fio de crina de cavalo

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2598, 2599, 2600

Ângelo de Sousa

(1958)

Sem título

1972

óleo sobre tela de serapilheira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2861

Noronha da Costa

(1942)

Deus morreu: Morte ao rei

(c.1971-75)

acrílico sobre tela

Ministério da Cultura

Pires Vieira

(1950)

Superfície-I

1969-2000

esmalte celuloso sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2559

doação de Ana Cristina Guerra

Lourdes Castro

(1930)

Sombra projectada de Ana Castro

acrílico sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2414

Jorge Pinheiro

(1931)

Homenagem a Amesterdão

1969

óleo sobre tela colada em madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2548

Paula Rego

(1935)

Self-portrait in red

1962

óleo e colagem de papel sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2009

Nadir Afonso

(1920)

Espacilimité

1957

óleo sobre tela

MNAC- Museu do Chiado, inv. 2082

José de Almada Negreiros

(1893-1970)

Pintura (Interior)

1948

guache e óleo sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2364

Maria Helena Vieira da Silva

(1908-1992)

Casas

1957

guache e têmpera sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1679

Teresa Arriaga

(1915)

Movimento I

óleo sobre platex

depositado pela artista

Marcelino Vespeira

(1925-2002)

Noctívolo

1951

óleo sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1580

Fernando de Azevedo

(1923-2002)

Personagens Preciosas

1950-51

óleo sobre cartão prensado

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2372

doação de Maria e João Rendeiro

Fernando Lanhas

(1923)

Cais 44

1943/44

óleo sobre papel

coleção particular

Joaquim Rodrigo

(1912-1997)

Sem Título

1958

têmpera sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2541

doação de Maria Henriqueta Rodrigo

Júlio Pomar

(1926)

Gadanheiro

1945

óleo sobre aglomerado

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2347

Mário Cesariny

(1923-2006)

Soprofigura

c. 1947

tinta-da-china, guache e verniz sobre papel

Ministério da Cultura

Dórdio Gomes

(1890-1976)

Rio Douro

1935

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1085

doação de Diogo de Macedo

Cândido Costa Pinto

(1911-1977)

Aurora hiante

1942

óleo sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1499

Carlos Botelho

(1899-1982)

Lisboa e o Tejo; Domingo

1935

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 802

António Dacosta

(1914-1990)

Episódio com um cão

1941

óleo sobre tela

Ministério da Cultura

Milly Possoz

(1888-1967)

Paris-Quai Voltaire

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1714

Mário Eloy

(1900-1951)

O Poeta e o Anjo

c. 1938

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1648

Dominguez Alvarez

(1906-1942)

Bairro de pescadores

1929

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1029

Jorge Vieira

(1922-1998)

*Monumento ao prisioneiro político desconhecido
(maquete)*

1953

bronze

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2340

doação do artista

Ernesto Canto da Maia

(1890-1981)

Adão e Eva

1929-1939

terracota

MNAC-Museu do Chiado, inv. 918

René Bértholo

(1935-2005)

Beau Fixe

1966

Metal, banda de tri-acetato pintado e motor

MNAC-Museu do Chiado inv. 2573

Vias do modernismo

As permanências de narrativas rurais, exploradas pelos artistas de uma tardia linha naturalista, em idílicas e imutáveis perspectivas dos modos de estar do povo, reflectem a situação do país, tradicionalmente agrária. Esta rusticidade pitoresca, ligada a uma pretensa identidade nacional, deformava a opinião pública artística e criava descontinuidades no desenvolvimento da arte moderna portuguesa.

Os artistas modernistas, em inícios do século XX, raramente integrados nos circuitos artísticos e museológicos, decidem-se por Paris, como é o caso de Amadeo de Souza-Cardoso, representado no Museu por um reduzido núcleo de obras. *Cabeça* (c. 1913-15), de expressivas e sintetizadas linhas, destaca o domínio do pictórico, em planos inacabados e autónomos ao desenho da máscara. Almada Negreiros deteve-se em Madrid, no início da sua carreira, e realizou uma obra singular nas decorações do Teatro Muñoz Seca (1929).

No país, a reacção dos artistas modernistas a este contexto nacional adverso estabelece-se em tertúlias, nos cafés e clubes nocturnos, Brasileira do Chiado e Bristol Club, onde se expunham as suas inovadoras propostas. O *Nu*, de Eduardo Viana (1925), peça decorativa deste *club*, expressa um sensualismo invulgar na arte portuguesa e serve-se da cor para construir planos e volumetrias de referência cezanniana.

O modernismo, manifestamente marcado por um alinhamento com as vanguardas internacionais, tanto nos anos 10, como em algumas concretizações expressionistas de Mário Eloy (*Menino e varina*, 1928), amplamente criticadas, submete-se a um equilíbrio classicista, nos finais da década, de acordo com o novo contexto ideológico.

(M.A.S.)

LISTA DE OBRAS

Mário Eloy

(1900-1951)

Menino e varina

1928

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2356

José de Almada Negreiros

(1893-1970)

Primeiro Estudo para a decoração do proscénio do

teatro de Muñoz Seca

1939

guache sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 964-A

Abel Manta

(1888-1982)

Jogo de Damas

1927

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 650

Eduardo Viana

(1881-1967)

Nu

1925

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 225

Eduardo Viana

(1881-1967)

A Revolta; A Revolta das bonecas

(1916)

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1719

Amadeo de Souza-Cardoso

(1887-1918)

Cabeça

(c. 1913-1915)

óleo sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1546-C

Amadeo de Souza-Cardoso

(1887-1918)

Tristezas, Cabeça

(c. 1915)

óleo sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1560

Christiano Cruz

(1892-1951)

Auto-retrato

c. 1916

guache sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2190

doação por Ema Sheppard Cruz

Adriano de Sousa Lopes

(1879-1944)

A blusa azul

c.1920

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. I266 (58)

Santa-Rita Pintor

(1889-1918)

Cabeça

(1910)

óleo sobre tela

Ministério da Cultura

Na viragem do século: narrativas naturalistas e modernidade

Silva Porto e Marques de Oliveira apresentam propostas de modernidade inspiradas nas paisagens naturalistas da Escola de Barbizon (*Charneca de Belas ao pôr-do-sol*, Silva Porto, 1879) e próximas das vanguardas internacionais, de Manet ou Boudin (*Praia de banhos*, Marques de Oliveira, 1884). No entanto, os inovadores efeitos luminosos e cromáticos cedem lugar a cenários de uma castidade ensolarada, em narrativas "veristas", sequenciais à temática de costumes da geração romântica (*Volta do mercado*, Silva Porto, 1886), mas raramente citadinas ou burguesas (*Praia das Maças*, José Malhoa, 1918).

Por oposição a esta idealizada imagem de ruralidade do povo português, distingue-se o retrato, afirmação individual de valores burgueses, em criativas construções cromáticas, próximas dos naturalismos de "ar livre" (*Retrato de Abel Botelho*, António Ramalho, 1889). Columbano Bordalo Pinheiro, pioneiro do realismo, introduz no retrato um discurso de modernidade, assinalado pela imagem de referência, algo simbolista, do poeta *Antero de Quental*, visionado como um espectro que presentifica o torturado espírito decadentista de finais do século XIX e dos "Vencidos da vida". É nesta viragem de século que se situa a escultura de Soares dos Reis, síntese de valores românticos, classicistas e de inovadoras propostas naturalistas (*O desterrado*, 1872) introdutoras de uma pré-modernidade.

No início do século XX, *Nocturno*, de António Carneiro (1910), trata uma inovadora autonomia do pictórico através de um intenso verde-escuro luminoso que se espalha por toda a superfície do quadro. Assim, este núcleo termina com uma pintura ligada a poéticas simbolistas, longe dos processos narrativos de representação e dos valores atmosféricos naturalistas, numa ousada proposta de modernidade, de um singular monocromatismo, ausente de referentes figurativos.

(M.A.S.)

LISTA DE OBRAS

António Carneiro

(1872-1930)

Nocturno

1910

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 113

Aurélia de Sousa

(1866-1922)

No atelier

1916

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 279

Columbano Bordalo Pinheiro

(1857-1929)

Auto-retrato

c. 1904

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 634

doação de Emília Bordalo Pinheiro

Columbano Bordalo Pinheiro

(1857-1929)

Retrato de Antero de Quental

1889

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1108

doação de Maria da Conceição Lemos de Magalhães

Veloso Salgado

(1864-1945)

Retrato de Julieta Hirsch

1887

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1447

doação de Julieta Hirsch

António Ramalho

(1859-1916)

Retrato de Abel Acácio Botelho

1889

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1484

António Silva Porto

(1850-1893)

Paisagem tirada da charneca de Belas ao pôr-do-sol

1879

óleo sobre tela

depositado pelo Palácio Nacional da Ajuda

Artur Loureiro

(1853-1932)

Paisagem (Auvers-sur-Oise)

c. 1883

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 35

Artur Loureiro

(1853-1932)

Campina romana

1878

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 5

António Silva Porto

(1850-1893)

Margens do rio Nabão, Tomar

1886

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 229

João Marques de Oliveira

(1853-1927)

Praia de banhos, Póvoa de Varzim

1884

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 327

João Vaz

(1859-1931)

As piteiras

c. 1890-1912

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 50

António Silva Porto

(1850-1893)

A volta do mercado

1886

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 815

José Malhoa

(1855-1933)

Praia das Maçãs

1918

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 584

António Soares dos Reis

(1847-1889)

O Desterrado

1872

gesso patinado

MNAC-Museu do Chiado, inv. 189

João Marques de Oliveira

(1853-1927)

Recanto de aldeia, Póvoa de Varzim

1882-1890

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1549

Paisagem, costumes e retrato na segunda metade do século XIX

A novidade da pintura captada “do natural” garante o sucesso do quadro *Cinco artistas em Sintra*, de Cristino da Silva (1855), do início do romantismo português, revelador das intenções pré-naturalistas desta geração. Os seus ideais românticos, assumidos tardiamente face ao gosto naturalista de Barbizon, de meados do século, associam-se à pintura de paisagem, de costumes populares e de retrato de grupo dos cinco artistas (Tomás da Anunciação, Francisco Metrass, Vítor Bastos, João Cristino da Silva e José Rodrigues). *Passagem do gado*, de Cristino (1867), situa-se neste cruzamento de referências, exprime sentimentos dramáticos e apresenta a plenitude de uma paisagem real, dimensionada numa panorâmica visão da natureza. Também Tomás da Anunciação regista a luz local e a espontaneidade “verista” de uma actividade agrícola (*Na eira*, 1861), apesar da dramaticidade exacerbada de um naufrágio de Cristino e da espectacularidade cenográfica de Metrass, em sequências narrativas.

Uma diferenciada narratividade surge, em finais do século, através da fixação de interiores burgueses (*Leitura de uma carta*, Alfredo Keil, 1874) tal como, ao retrato de afirmação individualista e de elegância aristocrática da Lisboa fontista, sucede o retrato representativo das burguesias em ascensão, captadas por Miguel - Ângelo Lupi. Assente no poder da imagem, o retrato e um incipiente conceito de realismo diluem-se em transições geracionais como elementos reguladores de romantismos e naturalismos. (M.A.S.)

LISTA DE OBRAS

Luís de Meneses

(1817-1878)

Auto-retrato

c. 1855

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1756

João Cristino da Silva

(1829-1877)

Auto-retrato

c. 1854

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1225

João Cristino da Silva

(1829-1877)

Cinco artistas em Sintra

1855

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 23

Tomás da Anunciação

(1818-1879)

O vitelo

1873

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 13

Tomás da Anunciação

(1818-1879)

Na eira

1861

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 25

doação de Jorge Yaul, 1911

João Cristino da Silva

(1829-1877)

A passagem do gado

1867

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 144

doação de Madalena Adelaide Namura

João Cristino da Silva

(1829-1877)

Paisagem

1855-60

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2355

Alfredo de Andrade

(1839-1915)

Uma manhã em Creys

1861

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 52

doação do artista

Alfredo Keil

(1850-1907)

Praia Grande

1880

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 10

Alfredo Keil

(1850-1907)

Leitura de uma carta

1874

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 455

Miguel Ângelo Lupi

(1826-1883)

Retrato da Marquesa de Belas

1874

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 658

Miguel Ângelo Lupi

(1826-1883)

Retrato de Maria das Dores de Sousa Martins

1874

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 658

Francisco Metrass

(1825-1861)

Só Deus!

1856

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 500

Outros Olhares:

obras em destaque na Coleção do MNAC – Museu do Chiado

Piso I

O projecto *Outros Olhares* pretende promover uma reflexão alargada sobre a colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e, simultaneamente, proporcionar uma visão panorâmica e abrangente da produção artística portuguesa, num arco cronológico que se inicia com o Romantismo (1850-1880) e vai até à Contemporaneidade dos Anos 2000. As obras em destaque resultam do convite endereçado a historiadores de arte, curadores e críticos portugueses, pedindo-se a cada personalidade que selecione uma obra de arte da colecção do Museu representativa de uma década específica.

As exposições rotativas são acompanhadas de um pequeno texto sobre cada obra seleccionada, que constituirá também tema para um debate informal, a ter lugar sempre a dia 18 de cada mês.

No final do ciclo, será exposto todo o conjunto de obras deste programa e publicado um catálogo que reúne as imagens e os textos produzidos pelos diversos autores, ficando como registo e testemunho de uma visão múltipla e abrangente da arte portuguesa, de Oitocentos à Contemporaneidade.

Comissários: Helena Barranha e Rui Afonso Santos

O Grupo do Leão de Columbano Bordalo Pinheiro

Conversa com José-Augusto França, dia 18 de Abril às 13.00h

Landscape de Julião Sarmento

Conversa com Alexandre Melo, dia 18 de Maio às 13.00h

ficha técnica

Concepção e coordenação: Helena Barranha

Textos: Emília Tavares, Helena Barranha e Maria de Aires Silveira

Produção: Emília Tavares

Coordenação da montagem: Adelaide Ginga, Emília Tavares e Maria de Aires Silveira

Montagem: António Rasteiro, Amélia Godinho, António Chaparreiro, Eurico Monchique, João Carneiro, Liliana Dias, Iterartis

Comunicação: Anabela Carvalho

Serviço educativo: Catarina Loureiro de Moura, Rui Afonso Santos com o apoio de Rita Duro

Registo: Amélia Godinho

Logística e Apoio Administrativo: Benvinda Silva

Secretariado: Angelina Pessoa, Conceição Cunha

Recepção e Vigilância: António Chaparreiro, Diogo Branco, Filomena Maurício, João Carneiro, Liliana Dias, Luís Sousa, Maria José Dias, Sofia Khan, Susete Saraiva, Vítor Pereira.

Tradução: Kennis Translation Lda.

Design gráfico: Barbara says...

Sinalética: C.E.I.

actividades semanais

Visitas guiadas para o público em geral

Emília Tavares. 23 de Março. 3.ª feira. 18.30 h

Helena Barranha. 20 de Abril. 3.ª feira. 18.30 h

Adelaide Ginga. 4 de Maio. 3.ª feira. 18.30 h

Maria de Aires. 25 de Maio. 3.ª feira. 18.30 h

Rui Afonso. 1 de Junho. 3.ª feira. 18.30 h

acesso gratuito/marcação prévia: 213432148 / mnac-museudochiado@imc-ip.pt

máximo 25 pessoas

Visitas guiadas desenvolvidas num âmbito pedagógico

Ensino básico e secundário: 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª feira. 10.00-13.00 h

Ensino secundário e universitário: 3.ª e 5.ª feira. 14.00-17.00 h

Grupos culturais, seniores e outros: 4.ª e 6.ª feira. 14.00-17.00 h

acesso gratuito/marcação prévia: 213432148 mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt;

máximo 25 pessoas

Um Percurso dois sentidos. 15 minutos ao almoço. Comentários a uma obra

29 Abril. 13 Maio. 5ª feira. 13.00 h

sem marcação prévia

Síntese do Corpo. Oficinas pedagógicas para o 1.º e 2.º ciclo do ensino básico

22 Abril. 6 Maio. 5.ª feira. 10.00 -12.30 h

marcação prévia: tel. 213 432 148. mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt;

Limite de uma turma por oficina

Visitas comentadas para professores

4ª feira. 16.00 h às 18.00 h

Da paisagem romântica às narrativas naturalistas: de Cristino da Silva a José

Malhoa com Maria de Aires Silveira

21 e 28 Abril.

Os Modernismos: de Amadeo a Joaquim Rodrigo com Rui Afonso Santos

5 e 12 Maio.

inscrição prévia só através de e-mail: mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt

Limite de 25 professores

actividades de fim-de-semana

Retrato de Grupo. Atelier para pais e filhos

18 Abril. Domingo. 11.00 h

inscrição prévia só através de email: mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt.

Limite de 25 pessoas por atelier

Um Percurso dois sentidos. Visita comentada para todo o público

20 Março. 17 Abril. 22 Maio. 5 Junho. Sábado. 15.30 h

Sem marcação prévia